

INTRODUÇÃO À DIALÉTICA



Conselho Editorial da Editora Livraria da Física

Amílcar Pinto Martins - Universidade Aberta de Portugal

Arthur Belford Powell - Rutgers University, Newark, USA

Carlos Aldemir Farias da Silva - Universidade Federal do Pará

Emmánuel Lizcano Fernandes - UNED, Madri

Iran Abreu Mendes - Universidade Federal do Pará

José D'Assunção Barros - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Luis Radford - Universidade Laurentienne, Canadá

Manoel de Campos Almeida - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Maria Aparecida Viggiani Bicudo - Universidade Estadual Paulista - UNESP/Rio Claro

Maria da Conceição Xavier de Almeida - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria do Socorro de Sousa - Universidade Federal do Ceará

Maria Luisa Oliveras - Universidade de Granada, Espanha

Maria Marly de Oliveira - Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel Gonçalves-Maia - Universidade de Lisboa

Teresa Vergani - Universidade Aberta de Portugal

Nina Auras & André Coggiola

INTRODUÇÃO À DIALÉTICA

Série | Saber
& Crítica 25



2026

Copyright © Nina Auras & André Coggiola
1ª Edição

Direção editorial: Victor Pereira Marinho e José Roberto Marinho

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auras, Nina
Introdução à dialética / Nina Auras, André Coggiola. – São Paulo: LF Editorial, 2026. –
(Saber & crítica; 25)

Bibliografia
ISBN 978-65-5563-820-2

1. Argumentação 2. Lógica 3. Ciência 4. Dialética 5. Educação 6. Filosofia 7. Grécia Antiga -
Civilização 8. Marx, Karl, 1818-1883 I. Coggiola, André. II. Título III. Série.

26-397099.0

CDD-160

Índices para catálogo sistemático:
1. Dialética: Filosofia 160

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei N° 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



Editora Livraria da Física
www.livrariadafisica.com.br
www.lfeditorial.com.br

SUMÁRIO

O que é dialética?.....	6
A dialética na Grécia Antiga.....	16
A dialética como método científico da modernidade	38
Marx, a concepção dialética da história e o “materialismo dialético”	59
A dialética e a ciência contemporânea: uma conclusão possível	92
Nota bibliográfica	106
Sobre os autores	115

O QUE É DIALÉTICA?

A palavra “dialética” surge, no pensamento grego antigo, originalmente para denotar uma forma específica de argumentação lógica. Seus significados variam desde uma técnica específica de refutação em discussões filosóficas, passando por um método para a avaliação de definições, até um método de investigação e classificação das relações entre conceitos gerais e particulares. Do período da filosofia estóica até o fim da Idade Média, a dialética é mais ou menos identificada com a disciplina da lógica formal, iniciada por Aristóteles, ou com o tema da retórica, onde aparece tanto como um de seus elementos constitutivos quanto como sua contraparte. Na modernidade, Kant chama de dialética transcendental o esforço de expor as ilusões envolvidas em qualquer tentativa de se utilizar das categorias e princípios do entendimento para se chegar além dos limites da experiência possível. Hegel, que o sucede, mantém o caráter negativo da dialética, porém em outra luz, como a metodologia apropriada para se alcançar o conhecimento da verdade. A verdade não é concebida de modo positivo ou estático, como na matemática, mas como um processo contínuo movido pela força de suas próprias contradições internas. A mesma concepção é adotada e modificada por Marx e Engels, que a aplicam à crítica da economia política e na constituição de uma teoria que pudesse informar a prática revolucionária do proletariado. Mais recentemente,

a concepção dialética de verdade tem encontrado respaldo, também, em discussões acerca do uso de estratégias científicas contextualizadas e descontextualizadas, associada à implementação de modelos pedagógicos, políticos e sociais alternativos.

Com usos tão variados ao longo da história, é compreensível a tendência dos críticos da dialética a caracterizá-la como um discurso obscurecedor e inconsistente. Não se pode realmente culpá-los, se até defensores contemporâneos da dialética tendem a reproduzir tal visão ao oporem o materialismo dialético, concreto e revolucionário, à “mística” do idealismo hegeliano, que Marx teria “virado de cabeça para baixo”. Assim, mais do que um tema controverso no que concerne ao seu lugar na discussão filosófica mais ampla, o significado específico da palavra “dialética” carrega uma longa história de controvérsia também entre seus adeptos.

O que é, então, a dialética? O dado mais básico, comum a todos os seus muitos significados possíveis, é o fato de que “dialética” é uma palavra. E o que é uma palavra, do ponto de vista da dialética?

Por muito tempo, a concepção mais aceita — e ainda latente no senso comum — foi que uma palavra se refere a uma coisa. A palavra “árvore” evoca a árvore de fato, corresponde, no plano das ideias, à árvore de fato. Ela deriva da necessidade humana de nos comunicarmos com outro ser humano individual acerca do mundo que cohabitamos. Neste sentido, a linguagem tem caráter utilitário: digo

“árvore” para indicar nossa experiência compartilhada de árvore. No entanto, está bem claro que a palavra “árvore” é algo distinto da coisa árvore. “Árvore” é uma árvore em abstrato, uma representação ideal da árvore concreta, real, contingente, à qual me refiro.

“Árvore” é então um termo geral, ao passo que cada árvore é singular. Esta árvore é uma jabuticabeira, por exemplo, e aquela, um guarapuvu. Uma árvore possui tronco fino e retorcido, outra é grossa e retilínea, atributos que ajudam a qualificá-las diante de diferenças imediatamente perceptíveis. Apesar disso, há algo em comum entre essas duas árvores está contido na própria palavra “árvore” de tal modo que, quando eu lhe digo “árvore”, você forma uma espécie de imagem mental dessa árvore. E, mesmo que você tenha imaginado uma árvore específica (a jabuticabeira, por exemplo), a adição de adjetivos como “grossa” e “retilínea” instantaneamente modificam a representação e direcionam à árvore pretendida (no caso, o guarapuvu). Isso quer dizer que existe algo em comum entre todas as árvores que é capturado pela palavra “árvore”.

Por muito tempo, a concepção mais aceita — e ainda latente no senso comum — é que a verdade seja aquilo que permanece igual frente à diferença. Deus, por exemplo, é imaginado em muitas religiões monoteístas como o criador eterno que, por essa mesma característica, habita um plano distinto do de suas criações mortais. Também na nossa ciência materialista os movimentos da natureza costumam ser explicados através de fórmulas matemáticas e

leis frequentemente associadas à imutabilidade e removidas do contexto histórico em que foram concebidas — “descobertas” é o termo mais empregado em tais contextos. Independentemente das diferenças metodológicas e ontológicas que separam essas cosmovisões, ambas concebem a verdade como a explicação correta e necessária da realidade, do mundo que nos circunda: aquele mesmo mundo acerca do qual queremos nos comunicar.

Ocorre que no mundo se observa uma mudança constante. O verão esmorece e se torna outono, o outono esfria e se converte em inverno; o botão de flor desabrocha e então definha, todo ser vivo nasce, cresce, envelhece e morre. Uma árvore perde as folhas e as renova, em alguns casos floresce, gera frutos que amadurecem e caem. Mas a palavra “árvore” contém todas essas fases e todas essas diferenças, contém a jabuticabeira e o guarapuvu. A “árvore” permanece igual em todas as suas formas.

Em uma concepção representativa, isso implica que a palavra contenha, de alguma maneira, alguma verdade sobre a coisa que ela é capaz de representar. A evocação da coisa por uma unidade linguística correspondente é um subtexto epistemológico que conecta a compreensão humana da realidade desde o pensamento mágico, em que o conhecimento do nome da coisa fornece poder sobre ela, até o pensamento científico, em que uma coisa é descrita em termos que permitem seu controle e predição. Assim, podemos dizer que a palavra é majoritariamente concebida como a representação de uma coisa e relaciona-se a ela na

medida em que captura algo de sua essência, possibilitando sua comunicação. Através da representação, coisas passam a existir não somente no plano material, mas também no plano ideal. Palavras são ideias e relações entre palavras formam frases, que indicam pensamentos — pensamentos são, portanto, representações das relações entre coisas.

Evidentemente, nem toda palavra se refere a uma coisa *per se*. Porém a linguagem em geral, concebida como um dos polos de uma relação dual, permanece representativa mesmo ao tratar de conceitos como “coragem” ou “felicidade”. Um termo abstrato como “coragem” não evoca uma imagem mental específica, como ocorre com “árvore”, mas evoca exemplos de comportamentos humanos ou indivíduos cujo caráter converge com aquilo que se considera corajoso. “Coragem” é a representação ideal de uma característica humana real.

Atualmente, essa concepção é conhecida como “denotacionalismo”. Palavras denotam (se referem a) objetos exteriores à linguagem. Porém, na época moderna, essa ideia era associada à teoria da representação — também conhecida como *Vorstellungstheorie* pela sua centralidade na filosofia alemã entre os séculos XVIII e XIX, que informa, por sua vez, boa parte do debate ocidental durante o século XX. A origem da teoria da representação é associada a uma certa interpretação de Platão, com a distinção entre um mundo das ideias e o mundo material, mas tem sua especificidade no conceito moderno de sujeito que surge com as *Meditações* (1641) de Descartes e a famosa máxima “penso,

logo existo”. Precisamente no debate relacionado a essas duas origens podemos ver despontar com maior clareza os contornos fundamentais do nosso tópico, pois a dialética emerge como o movimento de oposição à noção de verdade latente na concepção do pensamento como representação.

Com tudo isso em mente, consideremos a palavra “dialética” a partir de uma das estratégias retóricas mais comuns de introdução a um tema: o recurso à etimologia. A funcionalidade da etimologia possui uma dependência discreta em relação à concepção de linguagem como representação, porque supõe que a análise de uma palavra possa elucidar sua essência, quer dizer, a verdade da coisa que ela representa. No caso da “dialética”, esse é um recurso particularmente útil porque revela, contraditoriamente, uma concepção dissidente da relação entre linguagem e pensamento.

A palavra grega “dialética” é composta pelas raízes *δια-* e *leg-*, significando literalmente “palavra atravessada”. O que isso nos diz sobre ela?

“Dialética” compartilha a raiz *leg-* com *logos*, conceito central para a filosofia ocidental cujo interessante duplo sentido de “palavra” ou “razão” aponta para a característica discursiva da segunda. O historiador W.K.C. Guthrie lembra que, na Grécia clássica, o pensamento era associado ao ato do diálogo (*διά- logos*), de falar consigo mesmo como se fala com outro. Por ora, então, consideremos a acepção de *leg-* como “palavra”. Note-se que, se a palavra corresponde à coisa, mas não é a coisa em si, então a palavra “palavra” implica um certo paradoxo dentro da concepção

representativa. Isso porque “palavra” não se refere a uma coisa, exatamente, senão ao próprio representar humano. “Palavra” é, portanto, uma representação ideal do nosso modo de representar. Mais do que isso, em “palavra” o processo de representação se consuma: “palavra” torna-se um termo autorreferente no momento em que é proferido.

Ao acoplar-lhe o adjetivo *δια-*, “atravessada”, “dialética” é uma palavra que qualifica o funcionamento da palavra (e da razão). Enquanto a representação é introduzida como uma relação direta entre palavra e objeto, a concepção dialética de palavra é “atravessada”. Atravessamento é um movimento transversal, um ponto em que pelo menos duas linhas se cruzam. O que é atravessado é a “palavra”, ou seja, o representar mesmo, e o que se cruza no representar é a distinção entre palavra e coisa. Quando a palavra é a coisa mesma a que ela se refere, ocorre uma contradição, pois a definição de palavra é ser distinta da coisa que ela representa. A palavra “dialética” diz, por si mesma, que o processo de representação é atravessado por autorreferência e contradição, e assim também a verdade e a razão.

Não é casual, portanto, que “dialética” e “diálogo” possuam as mesmas raízes, nem que o ato de comunicação seja geralmente considerado a necessidade inaugural da linguagem. Quando eu digo “árvore”, uso esse termo comum para mediar nossas percepções distintas de árvore. Mais importantemente, eu digo e você ouve em uma atribuição de sentido simultânea. Comunicação é uma relação entre dois seres com capacidade representativa. Existe um

ponto de encontro entre a realidade que eu vejo e aquela que você vê, um signo em comum que media as duas perspectivas, mas este é necessariamente marcado por diferenças. A árvore que eu vejo não é a mesma árvore que você vê. O que você considera coragem não é necessariamente o que eu considero coragem. Assim, o processo de representação é atravessado por autorreferência e contradição não somente no que concerne à relação entre palavra e coisa, mas na própria relação entre seres humanos.

Historicamente, a dialética nasce do diálogo. Essa é a metodologia defendida por Sócrates, primeiro grande arauto da dialética, como a mais apropriada para se obter um conhecimento seguro da verdade. Embora deva-se admitir que os diálogos socráticos sejam compostos em sua maioria por longos discursos entrecortados por algumas palavras de concordância de seus interlocutores, eles necessariamente implicam o confronto entre pelo menos dois pontos de vista distintos, a partir dos quais é possível chegar a uma nova e mediada posição. O próprio Sócrates assume pontos de vista antagônicos e argumenta a favor de ambos, demonstrando que a verdade não se encontra inteira em um ponto fixo, mas no próprio processo de argumentação.

Essa maneira de estruturar o raciocínio pode ser encontrada, embora adaptada às necessidades do seu tempo, nos trabalhos posteriores de autores modernos como Hegel e Marx. De fato, a própria possibilidade de mutabilidade de acordo com “as necessidades do seu tempo” já demonstra o caráter contextual da dialética. Retomando as críticas a

respeito da inconsistência do pensamento dialético, procede da natureza desse mesmo pensamento que ele se modifique e escancare, com isso, suas próprias contradições. O importante é que o caráter contextual da verdade na filosofia dialética não se opõe, de modo geral, à sua necessidade.

Os dois grandes movimentos teóricos associados à dialética são o idealismo (Platão, Hegel) e o materialismo (Marx, Engels). Muitas vezes eles são descritos, de maneira esquemática, um em oposição ao outro: o idealismo acredita que as ideias influenciam a realidade, ao passo que o materialismo acredita que a realidade influencia as ideias. Se essa antinomia serve para algo, esse algo é demonstrar o funcionamento da dialética, na medida em que, descrito nesses termos, o materialismo necessita, por definição, do idealismo, e vice-versa. A dialética indica uma tal dependência entre os polos subjetivo (ideal) e objetivo (material) que a verdade não pode afinal ser atribuída a nenhum deles separadamente, mas pertence à sua interação.

Por isso, a linguagem deve ser entendida também como ato comunicativo. Falar, explicar, teorizar são, em suma, verbos de ação. Do mesmo modo, a compreensão representativa da realidade, marcada por dualidades, pode ser considerada como o modo de agir típico e hegemônico da sociedade ocidental. A ação dialética, por sua vez, está ligada à disrupção dessa ordem: Sócrates é assassinado pelos atenienses, acusado de corromper a juventude; Lenin, influenciado pela lógica de Hegel, retorna à Rússia com um projeto de revolução.

O que, afinal, é a dialética? Como conceito que surge em oposição à fixidez ou imobilidade da verdade, a dialética não simplesmente é, mas *vem a ser* através do desenvolvimento progressivo e multiforme de sua *praxis* — isto é, da confluência entre sua teoria e prática. É somente através da história do uso do termo, portanto, que a dialética se desdobra em sua totalidade.